

EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EMEIF PROFESSOR FRANCELINO DE FREITAS, ILHA CACOAL, CAMETÁ – PARÁ

Data de aceite: 26/01/2024

Heloisa Ferreira Quaresma

Graduada em Pedagogia pela Uniasselvi. Especialista em Educação Infantil Séries Iniciais pela Uniasselvi. Mestranda em Ciências da Educação pela Faculdade de Ciências Sociais Interamericana - FICS

Mílvio da Silva Ribeiro

Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Pará – PPGeo/UFGPA. Professor na Faculdade de Teologia, Filosofia e Ciências Humanas Gamaliel – FATEFIG

Rosângila Louzada da Silva

Graduação em licenciatura plena em língua portuguesa pela universidade federal do Pará - UFPA (2011). Especialização em (;2014). Mestrado no programa de pós graduação em ciências da educação pela faculdade de ciências sociais interamericana - FICS

RESUMO: O presente trabalho aborda os desafios e possibilidades vivenciados em contexto escolar diante da pandemia global de COVID 19 e seus principais reflexos observados em um estudo de caso, particularmente na Escola Municipal de Educação Infantil Professor Francelino

de Freitas, na Ilha Cacoal, em Cametá, estado do Pará. Como centralidade, busca-se analisar práticas pedagógicas para superação de desafios de aprendizagem no pós pandemia, atentando para os seguintes elementos: conhecer os meios utilizados na modalidade remota; identificar os aspectos que estão sendo investigados e discutidos no âmbito do processo ensino-aprendizagem em atividades remotas direcionadas para a educação infantil na pandemia do COVID 19; bem como analisar as dificuldades encontradas no processo de ensino, e de que maneira foram ou estão sendo superadas pelos envolvidos. A pesquisa se justifica por entender que em tempos pandêmicos as práticas pedagógicas e a formação docente foram afetadas e tiveram que se reinventar. Metodologicamente, o trabalho é uma pesquisa qualitativa bibliográfica e empírica do tipo estudo de caso.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Infantil. Covid-19. Práticas Pedagógicas.

1 | INTRODUÇÃO

Em março de 2020, no Brasil, as escolas foram fechadas. Nunca havíamos passado por uma experiência dessa, que

foi vivenciar uma epidemia globalizada. Dada às consequências da pandemia da Covid-19, todas as atividades de ensino presencial em seus diferentes níveis, etapas e métodos de ensino foram paralisados, sendo necessário e urgente nova forma de interação, a fim de minimizar o impacto negativo e inevitável do momento, adaptando para isto, o ensino remoto.

No que toca a educação infantil, e de acordo com Lucimar (2021), esse é uma etapa em que as crianças começam a aprender a interagir, explorar, fazer amigos, conviver e respeitar as diferenças culturais fora do ambiente doméstico. O ambiente do jardim de infância é o primeiro lugar em que uma criança sai de sua zona de conforto e começa a interagir de forma mais intensa e frequente com outras crianças e adultos. Esse formato educacional, assim como os demais níveis, foi seriamente afetado, já que o primeiro impedimento era a impossibilidade de interação presencial.

Para que as crianças não ficassem sem o direito à educação, o formato remoto foi o processo que muitas escolas encontraram para continuar funcionando orientadas pelo poder público, sendo que o corpo docente também foi “obrigado” a lidar com a educação não presencial, pois mesmo sem estudantes nas escolas, as professoras e os professores continuaram trabalhando, sem ter uma preparação (na maioria dos casos), o que trouxe várias dúvidas diante de novas adaptações, sendo estendidas à toda a comunidade escolar, uma vez que ao sair da rotina do presencial, que já estavam acostumados tiveram que enfrentar uma situação nada fácil de lidar com a “nova” maneira de aprender durante o ano letivo escolar.

Dessa forma, o ensino ganha um novo espaço onde é possível agregar novas formas de aprender, contribuindo para minimizar os problemas em relação ao interesse e à motivação em aprender do educando. Como adendo a esse aspecto, Almeida (2003, p.331) coloca que os ambientes digitais “permitem romper com as distâncias espaço-temporais e viabilizam a recursividade, múltiplas interferências, conexões e trajetórias”. No entanto, a prática docente não está exatamente alinhada a essas transformações:

[...] computadores e a *internet* não são remédios instantâneos para currículos mais ou menos obsoletos, nem tão pouco camuflagens para as tradicionais instruções didáticas. A ênfase não está na tecnologia, sendo que esta atua como um ambiente promotor de redes de aprendizagem e conhecimento. O foco precisa estar nas condições que afetam a apropriação tecnológica, importando consigo um significativo incremento do sentido e da qualidade na educação. (Moreira; Schelemmer, 2020, p. 6).

Como pano de fundo desse importante debate acadêmico que afirma que as tecnologias da educação e seus ambientes digitais ampliam os recursos pedagógicos, também foi sendo observado os próprios limites do sistema educacional como um todo, ou seja, escolas sem estrutura, com currículos antigos sem atualizações e profissionais da educação sobrecarregados e sem motivação.

Nesse cenário pandêmico, surgem os questionamentos sobre as ferramentas que foram utilizadas pelos educadores, quais as dificuldades encontradas nesse momento

tão atípico que foi vivenciado. Com a interrupção do convívio social, a educação precisou encontrar maneiras para continuar com suas atividades educacionais. As professoras e os professores precisaram rever sua ação docente para que o ensino continuasse sem prejudicar o desenvolvimento das crianças matriculadas nas instituições de ensino.

Essa pesquisa quer falar sobre uma situação muito específica ocorrida numa escola ribeirinha, E.M.E.I.F. Professor Francelino de Freitas, que fica no leito do rio Tocantins na região insular do município de Cametá-PÁ, a cerca de 25km (vinte e cinco quilômetros) da sede municipal, com turmas de pré-escola com faixa etária entre 3 e 6 anos. É a mesma escola em que atuo como professora há sete anos. Por isso, esse trabalho tem a forte característica de ser uma pesquisa-participante, onde também pude vivenciar junto com minhas colegas essa experiência, o que me fez despertar para revelar em forma de problematização acadêmica a atuação docente em tempos de pandemia.

A escolha desse tema de pesquisa traz à tona um aspecto da realidade vivenciado em muitas escolas ribeirinhas, na escola em questão, e aborda os principais desafios e possibilidades de atuação que as professoras e professores enfrentaram durante o período pandêmico. Atuo na rede municipal de ensino há 28 anos como professora, e desses, 20 anos foram dedicados trabalhando na área ribeirinha. Onde encontro, todos os dias dificuldades para o ensino e aprendizagem dos alunos, dificuldades essas, como a falta de energia elétrica, falta das tecnologias na escola e principalmente nas casas dos alunos, as dificuldades dos mesmos em lidar com a tecnologia, o descaso das famílias com o ensino dos mesmos, pois, com a chegada da pandemia, tudo foi modificado, inclusive o modo de aprender e de ensinar aos alunos.

Diante de tamanhos desafios, eu e minhas colegas de trabalho da Educação Infantil tivemos que nos reinventar e buscar novas formas de ensinar, re-desenhando a própria identidade docente, principalmente na reinvenção de métodos e produção de materiais para que os alunos não ficassem sem as atividades durante esse período.

Por isso, essa é uma temática relevante, em que as experiências dessas docentes precisam ser apresentadas à sociedade, já que o exposto nos leva a inúmeras reflexões, principalmente quando pensamos em educação, mas esse trabalho tem como finalidade trazer à tona a questão da Educação Infantil em tempo de pandemia, tendo em vista que é nesta fase que a maioria das nossas crianças tem o seu primeiro contato com uma educação formal, formação que pretende complementar a educação recebida na família e as vivências em sociedade.

Esse estudo se justifica no interesse de observar os desafios enfrentados pelos profissionais da educação, seus esforços e superações no momento em que as escolas estavam fechadas aos estudantes, pois as atividades continuaram sendo realizadas pelas professoras e professores, com uma nova organização escolar e auxílio das famílias, já que os encontros passaram a ser *on-line* e não presenciais.

A pandemia da Covid-19, impactou a dinâmica mundial de maneira significativa relacionada à rotina, ao trabalho e às relações interpessoais, que para a contenção e controle viral foi indicado o isolamento/distanciamento social. A mudança de comportamento acabou gerando diversos efeitos psicológicos e impactos emocionais diante da situação de insegurança e incerteza, promovida durante o período da pandemia, favorecendo sentimento de ansiedade na população. As rotinas foram afetadas e com isso as interações, antes realizadas presencialmente, passaram a ser majoritariamente mediadas pelas tecnologias, como no caso das aulas remotas. As brincadeiras ao ar livre diminuíram ou cessaram e, o uso das tecnologias aumentou o que, em alguns casos, promoveu alteração nos padrões de sono, distúrbios alimentares, estresse e ansiedade (Rodrigues; Lins, 2020, Florêncio; Paiano; Costa, 2020).

Por isso, se faz necessário um estudo sobre essa temática, principalmente dentro de um contexto de uma escola ribeirinha, com uma realidade muito particular, o que pode contribuir para ampliar a análise de casos e situações em que o processo pandêmico impactou diretamente a educação escolar e a aprendizagem dos alunos.

A Educação Infantil foi fortemente afetada pela pandemia, pois foram muitas transformações que tiveram de ser introduzidas de forma muito imediata para atender a um público muito específico, as crianças pequenas. A situação geral era a seguinte: a escola não possuía *internet*, algumas famílias possuíam *internet* de operadoras, onde algumas operadoras não funcionavam. Outros não possuíam nem celular, a localidade não possuía energia elétrica, só motor com gerador. Para entregar as atividades para as crianças, as professoras faziam plantão pedagógico na escola, onde eram distribuídos os horários para cada família ir buscar as atividades impressas, só que algumas famílias tiveram bastante dificuldades em ajudar as crianças em fazer as atividades, pois, muitas mães e pais não sabem ler ou escrever.

Uma das opções encontradas foi criar vídeos com os conteúdos, que eram gravados e colocados em um pendrive para as crianças assistirem em suas casas, quando o motor do gerador era colocado para funcionar à noite. Outras professoras imprimiam suas atividades e enviavam os trabalhos aos pais e mães que possuíam *internet* ou watzap. Muitos professores enfrentaram um certo descaso dos familiares com a educação dos filhos, pois costumava ocorrer que no dia marcado para a entrega dos materiais dos alunos, eles não iam buscar as atividades dos filhos; outros iam buscar mas não levavam de volta para a correção.

Nesse, sentido a falta de tecnologia foi o grande vilão da pandemia, pois, algumas famílias que tinham acesso às tecnologias e seus filhos podiam fazer às atividades; aquelas que não possuíam os equipamentos, eram totalmente prejudicadas e ainda existiam outras que tinham, mas não sabiam usar. Não só a família, mas alguns professores possuíam algumas dificuldades em usar as tecnologias, como por exemplo, como gravar os vídeos e enviar para as famílias.

O domínio das tecnologias por parte do professor foi um dos grandes desafios encontrados pelos profissionais da educação, sendo possível constatar as lacunas e déficits tecnológicos que muitos educadores encontraram nesse período de pandemia, necessitando se remodelar, se reinventar, sendo esta reinvenção compreendida como uma possibilidade de emancipação do sujeito educador e de sua visão de mundo para oferecer ao educando práticas pedagógicas com dinamismo e criatividade. Segundo Santos (2020, p. 12) é possível observar que os educadores possuíam “uma noção básica sobre as tecnologias digitais e utilizam-nas atividades do cotidiano”.

Novos desafios se apresentaram com o contexto pandêmico tais como a falta de recursos como “um celular ou um notebook, a falta de capacitação de alguns professores para lidar com essas tecnologias, o difícil acesso aos alunos que moram em zonas rurais e também o despreparo das famílias em relação a aparelhos tecnológicos” (Cunha; Ferst; Bezerra, 2021, p. 573).

Por todo exposto, esse trabalho quer revelar a vivência destas professoras, suas angústias, aprendizados, desafios e como foram achando caminhos para solucionar os principais problemas de continuar seu trabalho docente em plena pandemia de Covid 19.

A pesquisa está voltada para a Educação Infantil e seus profissionais da EMEIF Profº Francelino de Freitas, na Ilha Cacoal, em Cametá, estado do Pará, no período de incidência da pandemia de covid 19. As educadoras e os educadores que trabalham no ensino infantil são profissionais que necessitam de qualificação e aperfeiçoamento adequado para executar suas tarefas pedagógicas, precisando estar em constante formação e aprendizado. Com toda situação pandêmica ficou evidente que os educadores precisaram estar atualizados em todos os campos educacionais, pois ao necessitarem utilizar recursos tecnológicos que não eram do seu cotidiano encontraram diversos desafios para que pudessem exercer sua função com dinamismo.

Esse estudo se preocupará em responder a problematização central que é: **Quais as principais dificuldades enfrentadas por professores da Educação Infantil no período pandêmico, na modalidade de aulas remotas?** Dessa primeira questão norteadora, fazemos as seguintes indagações: Como os professores reinventaram suas práticas pedagógicas? Quais ferramentas tecnológicas foram utilizadas como instrumentos de alfabetização dos alunos?

Um novo modo de ensinar, produzir conhecimento e socializar foi introduzido nas escolas e na Educação Infantil, pois restrições também tiveram que ser impostas como o contato físico, o beijo, o abraço, a troca de experiências, vínculos que faziam parte do dia-a-dia da escola e que devido à pandemia essas e outras atividades tiveram que ser suspensas. Tradicionalmente poderíamos dizer que até a pandemia de 2020 se instaurar em nossa sociedade, a Educação Infantil e os docentes que nela atuam procuram prover “momentos para construção do conhecimento, conversa, escuta, troca, incentivo e afetividade que contribuem para a aprendizagem” (Martins; Santos, 2020, p. 3).

Além do **objetivo geral** que é analisar práticas pedagógicas utilizadas pelos profissionais da educação infantil na superação de desafios de aprendizagem no cenário pós-pandemia, foram pensados como **objetivos específicos** conhecer os meios tecnológicos utilizados na modalidade remota; identificar os aspectos que estão sendo investigados e discutidos no âmbito do processo ensino em atividades remotas direcionadas para a educação infantil na pandemia da Covid 19; além de verificar as dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem no período pandêmico.

Para a operacionalização deste estudo de caráter qualitativo, que envolve pesquisa bibliográfica e empírica, recorreremos inicialmente ao site da Scielo e pesquisa no Google acadêmico sobre o tema abordado, tendo como foco o ensino da educação infantil no período da pandemia da Covid 19.

Após essa primeira parte de pesquisa bibliográfica, foi elaborado um questionário de caráter qualitativo e aplicado às professoras que trabalham com educação infantil da escola Francelino de Freitas. As respostas de caráter geral que foram obtidas, serão aqui apresentadas no capítulo II, onde inicio a análise dos dados.

Assim, acredito que na realização desta pesquisa, estes resultados possam lançar luz às experiências educacionais reais vivenciadas entre desafios e reinvenções da prática docente, valorizando a formação enquanto professora e observando a importância de adquirir conhecimento sobre como lidar com situações inesperadas, na facilitação de promover o processo de ensino aprendizagem na educação infantil, que é base de todo o aprendizado de uma criança.

2 | EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA.

O papel da escola pública vai além da socialização dos conhecimentos sistematizados. Em muitas localidades, ela é o único espaço coletivo democrático para a interação de grupos humanos como crianças e jovens. Sendo assim, as ações para proteger a população do coronavírus afetou com consequências ainda não dimensionadas estudantes das camadas populares.

Na EMEIF. Prof. Francelino de Freitas, esse foi um período muito delicado e de grande desafio para as professoras da educação infantil, que tiveram muita dificuldade em manter as aulas remotas, tanto pela in experiência com as tecnologias, como pela condição de algumas famílias, que não tinham acesso à *internet*. A melhor saída era interagir com o máximo de estudantes possível via *online* e garantir o vínculo, muitas vezes realizando ligação telefônica através de ligação e mensagem por *Whatsapp*.

Enfrentar a realidade da falta de interação social foi o desafio destacado pelas professoras que, diante dos problemas tecnológicos, estas focaram no aspecto de manter o máximo de interação possível visando o maior desenvolvimento das crianças.

Observa-se que realmente foi um período muito difícil, principalmente para a educação infantil, no qual o contato físico faz toda diferença na aprendizagem infantil. As entrevistadas relataram que, utilizaram o máximo de ferramentas possíveis, apesar das dificuldades enfrentadas pela falta das tecnologias e *internet* para o mesmo, para não deixar que a pandemia prejudicasse seus alunos e se reinventaram, com propostas que despertaram o interesse por suas aulas. Foi pego na secretaria da escola os contatos dos pais e foi montado os grupos para cada turma, os vídeos eram feitos com a câmera do celular, onde era montado o vídeo caseiro, onde apresentava os trabalhos do dia e o que as crianças iam fazer, sempre era escolhida uma música para que as crianças dançassem conforme a professora fazia a coreografia no vídeo.

Isso mostra na prática o que diz Araújo (2017, p.17) “é preciso que a escola seja comprometida com o processo formativo dos sujeitos, que possua uma proposta pedagógica que considere todo o contexto social, político, econômico, cultural e ambiental dos alunos”.

Na realidade, o isolamento social marcou a sociedade como um todo; e a educação, especialmente a infantil, sem dúvida, foi a mais prejudicada tanto no emocional quanto no social. As crianças precisaram recuperar o prejuízo na aprendizagem e reestabelecer o nível desejado por cada etapa diante do desafio de aplicar uma educação de qualidade e eficaz que toda criança tem por direito.

O contexto pandêmico nos convidou a pensar a Educação Infantil como um conceito para além de um espaço físico. Em primeiro lugar, para conseguirmos nos relacionar e nos conectar com as crianças, nesse momento, foi preciso ter uma relação próxima e contínua com as famílias, que, acima de tudo, sempre será responsável pela educação das crianças como diz nossa Constituição Federal:

Art.227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, a dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988).

As famílias ribeirinhas da localidade de Cacoal afetadas pela pandemia não deixaram de cumprir com seu dever constitucional, entretanto, assim como em qualquer lugar do Brasil e do mundo que experimentou a chegada do coronavírus, estas também tiveram que se reinventar tanto em suas formas de subsistência, quanto na relação com a escola. Logo no começo pandêmico, a Secretaria de Educação, disponibilizou caderno de atividades para ser entregue as crianças de quinze em quinze dias, só que esses cadernos custavam chegar para a Escola Francelino de Freitas, então os professores montavam seus próprios cadernos e marcavam para os pais irem pegar os materiais dos alunos, fazendo plantões na escola de um dia, para os pais levarem os trabalhos das crianças, no período de quinze dias retornavam para trazer os trabalhos feitos pelos alunos e já levavam novas atividades.

No que diz respeito à relação entre a família e a escola, o Artigo 12 da LDB 9394/96 orienta:

Art.12 Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola. VII – informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica (Brasil, 1996).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira desde 1996 já falava da importância da família como parte da rede fundamental no processo educativo. É importante notar que a família é uma das partes responsáveis pela educação em um sentido mais amplo, geralmente informal, associado a um processo vitalício como um todo. Com base no que estabelece a legislação acerca da relação e a parceria entre a família e a escola, ressalta-se o pensamento de Silva (2000) o qual deixa claro que a escola não substitui a família no que se refere à educação, mas complementa, ou seja, nem tudo deve ficar sob responsabilidade da escola.

A probabilidade de sucesso de aprendizagem é maximizada quando há colaboração entre a escola e a casa, deve haver incentivo, motivação dos familiares para não desistir de estratégias para acompanhar seus filhos em salas de aula remotas. Vimos no capítulo II, no relato das professoras, em muitos momentos, que as famílias da comunidade de Cacoal não puderam dar suporte aos seus filhos matriculados na escola, pois muitas vezes, ou não dispunham de acesso às tecnologias, ou muitas vezes não possuíam o letramento necessário para proceder no apoio familiar.

Na Escola Prof. Francelino de Freitas, os professores juntamente com a coordenação da escola, faziam o plantão pedagógico, onde as famílias dos alunos iam pegar os materiais disponibilizados pela Secretaria de Educação. Nesse momento, que foi o período inicial de cumprimento do decreto que fechou as escolas e as crianças foram obrigadas a permanecer em casa, os alunos ficaram proibidos de chegar até a escola, por isso só mães e pais tinham autorização para pegar as atividades e materiais disponibilizados.

Nesse momento, essa presença dos familiares na escola tinha uma certa tensão, pois todos eram obrigados a usar máscaras, usar a todo instante o álcool gel nas mãos, manter distanciamentos, o que já tornava essa tarefa bastante trabalhosa. Era nesse momento que as mães e pais recebiam a orientação das professoras, que explicavam o que seus filhos deveriam fazer nas atividades impressas. Eram muitas as dúvidas que surgiam: muitos pais ainda são analfabetos, eles precisavam da ajuda de alguém da família que sabia ler, para que pudessem ajudar seus filhos, mas como fazer isso, se o medo pelo desconhecido imperava neste período? Os questionamentos dos pais eram em como eles iam poder ajudar seus filhos, se não sabiam ler, o professor até explicava, mas eles não entendiam.

Um outro fator de tensão era que muitos responsáveis simplesmente não iam até a escola para pegar os materiais. As professoras então saíam para fazer a entrega desses

materiais, pois, como alguns pais não possuíam *internet*, não possuíam celular, então os professores pegavam os transportes próprios e iam na casa desses alunos fazer a entrega para que a criança recebesse o material.

Mesmo em meio a estes tensionamentos gerados pela pandemia, a escola e seu corpo diretivo sempre tiveram um papel de acolhimento, de parceria com as mães e pais dos alunos e com a comunidade em geral.

Mudanças repentinas no ensino

A Educação Infantil foi impactada diretamente pela pandemia da Covid-19, pois interrompeu os processos pedagógicos que são norteados pelas brincadeiras e interações, sendo urgentemente necessário encontrar outros meios para a criança interagir, brincar, de relacionar-se com o outro e com o espaço.

Na escola Francelino de Freitas, essa interrupção de um modo de educar presencial para o remoto ocasionou muitas mudanças. O primeiro deles foi o esvaziamento da escola. Espaços onde antes eram preenchidos pelo barulho das vozes das crianças, foram tomados pelo silêncio.

Uma outra mudança significativa foi a de que a escola deveria se adequar a uma legislação pandêmica: os decretos federais, estaduais e municipais, que eram aguardados e modificados, na medida em que o coronavírus avançava em território nacional e que anunciavam as modalidades do confinamento. Inicialmente, as escolas fecharam totalmente, pois era o período do *lockdown*. Depois, a direção e o corpo docente foi tendo que voltar para promover algum tipo de redução de danos, para que ano não fosse perdido totalmente.

Com a interrupção do convívio social, a educação precisou encontrar maneiras para continuar com suas atividades educacionais. Os professores precisaram rever sua ação docente para que o ensino continuasse sem prejudicar o desenvolvimento das crianças matriculadas nas instituições de ensino.

De acordo com Guimarães, Mattos e Basílio (2020), a criação de plataformas digitais foi o meio encontrado para que houvesse uma comunicação entre famílias e professores durante o período de impossibilidade presencial. Nesses ambientes virtuais eram disponibilizados imagens, vídeos, textos e brincadeiras que estimulassem a criança e aproximassem da família. Gaidargi (2020) nos apresenta outras ferramentas utilizadas pelos profissionais para que pudessem encontrar os discentes virtualmente através de grupos de *whatsApp* e videoconferências que permitiam a continuidade dos processos educativos para evitar maiores prejuízos no ano letivo.

Todas essas técnicas alternativas começaram a ser de alguma forma utilizadas pela escola, muito por conta da persistência do corpo docente, o que ficou envidenciado nos relatos das professoras entrevistadas, que faziam ligações telefônicas para as famílias,

falavam com as crianças, elaboravam pequenos vídeos enviados por whatsapp e ainda preparavam atividades impressas, além daquelas enviadas pela Secretaria de O papel da escola pública vai além da socialização dos conhecimentos sistematizados. Em muitas localidades, ela é o único espaço coletivo democrático para a interação de grupos humanos como crianças e jovens. Sendo assim, as ações para proteger a população do coronavírus afetou com consequências ainda não dimensionadas estudantes das camadas populares.

Na EMEIF. Prof. Francelino de Freitas, esse foi um período muito delicado e de grande desafio para as professoras da educação infantil, que tiveram muita dificuldade em manter as aulas remotas, tanto pela in experiência com as tecnologias, como pela condição de algumas famílias, que não tinham acesso à *internet*. A melhor saída era interagir com o máximo de estudantes possível via *online* e garantir o vínculo, muitas vezes realizando ligação telefônica através de ligação e mensagem por *Whatsapp*.

Enfrentar a realidade da falta de interação social foi o desafio destacado pelas professoras que, diante dos problemas tecnológicos, estas focaram no aspecto de manter o máximo de interação possível visando o maior desenvolvimento das crianças.

Observa-se que realmente foi um período muito difícil, principalmente para a educação infantil, no qual o contato físico faz toda diferença na aprendizagem infantil. As entrevistadas relataram que, utilizaram o máximo de ferramentas possíveis, apesar das dificuldades enfrentadas pela falta das tecnologias e *internet* para o mesmo, para não deixar que a pandemia prejudicasse seus alunos e se reinventaram, com propostas que despertaram o interesse por suas aulas. Foi pego na secretaria da escola os contatos dos pais e foi montado os grupos para cada turma, os vídeos eram feitos com a câmera do celular, onde era montado o vídeo caseiro, onde apresentava os trabalhos do dia e o que as crianças iam fazer, sempre era escolhida uma música para que as crianças dançassem conforme a professora fazia a coreografia no vídeo.

Isso mostra na prática o que diz Araújo (2017, p.17) “é preciso que a escola seja comprometida com o processo formativo dos sujeitos, que possua uma proposta pedagógica que considere todo o contexto social, político, econômico, cultural e ambiental dos alunos”.

Na realidade, o isolamento social marcou a sociedade como um todo; e a educação, especialmente a infantil, sem dúvida, foi a mais prejudicada tanto no emocional quanto no social. As crianças precisaram recuperar o prejuízo na aprendizagem e reestabelecer o nível desejado por cada etapa diante do desafio de aplicar uma educação de qualidade e eficaz que toda criança tem por direito.

O contexto pandêmico nos convidou a pensar a Educação Infantil como um conceito para além de um espaço físico. Em primeiro lugar, para conseguirmos nos relacionar e nos conectar com as crianças, nesse momento, foi preciso ter uma relação próxima e contínua com as famílias, que, acima de tudo, sempre será responsável pela educação das crianças como diz nossa Constituição Federal:

Art.227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, a dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988).

As famílias ribeirinhas da localidade de Cacoal afetadas pela pandemia não deixaram de cumprir com seu dever constitucional, entretanto, assim como em qualquer lugar do Brasil e do mundo que experimentou a chegada do coronavírus, estas também tiveram que se reinventar tanto em suas formas de subsistência, quanto na relação com a escola. Logo no começo pandêmico, a Secretaria de Educação, disponibilizou caderno de atividades para ser entregue as crianças de quinze em quinze dias, só que esses cadernos custavam chegar para a Escola Francelino de Freitas, então os professores montavam seus próprios cadernos e marcavam para os pais irem pegar os materiais dos alunos, fazendo plantões na escola de um dia, para os pais levarem os trabalhos das crianças, no período de quinze dias retornavam para trazer os trabalhos feitos pelos alunos e já levavam novas atividades.

No que diz respeito à relação entre a família e a escola, o Artigo 12 da LDB 9394/96 orienta:

Art.12 Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola. VII – informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica (Brasil, 1996).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira desde 1996 já falava da importância da família como parte da rede fundamental no processo educativo. É importante notar que a família é uma das partes responsáveis pela educação em um sentido mais amplo, geralmente informal, associado a um processo vitalício como um todo. Com base no que estabelece a legislação acerca da relação e a parceria entre a família e a escola, ressalta-se o pensamento de Silva (2000) o qual deixa claro que a escola não substitui a família no que se refere à educação, mas complementa, ou seja, nem tudo deve ficar sob responsabilidade da escola.

A probabilidade de sucesso de aprendizagem é maximizada quando há colaboração entre a escola e a casa, deve haver incentivo, motivação dos familiares para não desistir de estratégias para acompanhar seus filhos em salas de aula remotas. Vimos no capítulo II, no relato das professoras, em muitos momentos, que as famílias da comunidade de Cacoal não puderam dar suporte aos seus filhos matriculados na escola, pois muitas vezes, ou não dispunham de acesso às tecnologias, ou muitas vezes não possuíam o letramento necessário para proceder no apoio familiar.

Na Escola Prof. Francelino de Freitas, os professores juntamente com a coordenação

da escola, faziam o plantão pedagógico, onde as famílias dos alunos iam pegar os materiais disponibilizados pela Secretaria de Educação. Nesse momento, que foi o período inicial de cumprimento do decreto que fechou as escolas e as crianças foram obrigadas a permanecer em casa, os alunos ficaram proibidos de chegar até a escola, por isso só mães e pais tinham autorização para pegar as atividades e materiais disponibilizados.

Nesse momento, essa presença dos familiares na escola tinha uma certa tensão, pois todos eram obrigados a usar máscaras, usar a todo instante o álcool gel nas mãos, manter distanciamentos, o que já tornava essa tarefa bastante trabalhosa. Era nesse momento que as mães e pais recebiam a orientação das professoras, que explicavam o que seus filhos deveriam fazer nas atividades impressas. Eram muitas as dúvidas que surgiam: muitos pais ainda são analfabetos, eles precisavam da ajuda de alguém da família que sabia ler, para que pudessem ajudar seus filhos, mas como fazer isso, se o medo pelo desconhecido imperava neste período? Os questionamentos dos pais eram em como eles iam poder ajudar seus filhos, se não sabiam ler, o professor até explicava, mas eles não entendiam.

Um outro fator de tensão era que muitos responsáveis simplesmente não iam até a escola para pegar os materiais. As professoras então saíam para fazer a entrega desses materiais, pois, como alguns pais não possuíam *internet*, não possuíam celular, então os professores pegavam os transportes próprios e iam na casa desses alunos fazer a entrega para que a criança recebesse o material.

Mesmo em meio a estes tensionamentos gerados pela pandemia, a escola e seu corpo diretivo sempre tiveram um papel de acolhimento, de parceria com as mães e pais dos alunos e com a comunidade em geral.

Mudanças repentinas no ensino

A Educação Infantil foi impactada diretamente pela pandemia da Covid-19, pois interrompeu os processos pedagógicos que são norteados pelas brincadeiras e interações, sendo urgentemente necessário encontrar outros meios para a criança interagir, brincar, de relacionar-se com o outro e com o espaço.

Na escola Francelino de Freitas, essa interrupção de um modo de educar presencial para o remoto ocasionou muitas mudanças. O primeiro deles foi o esvaziamento da escola. Espaços onde antes eram preenchidos pelo barulho das vozes das crianças, foram tomados pelo silêncio.

Uma outra mudança significativa foi a de que a escola deveria se adequar a uma legislação pandêmica: os decretos federais, estaduais e municipais, que eram aguardados e modificados, na medida em que o coronavírus avançava em território nacional e que anunciavam as modalidades do confinamento. Inicialmente, as escolas fecharam totalmente, pois era o período do *lockdown*. Depois, a direção e o corpo docente foi tendo que voltar para promover algum tipo de redução de danos, para que ano não fosse perdido totalmente.

Com a interrupção do convívio social, a educação precisou encontrar maneiras para continuar com suas atividades educacionais. Os professores precisaram rever sua ação docente para que o ensino continuasse sem prejudicar o desenvolvimento das crianças matriculadas nas instituições de ensino.

De acordo com Guimarães, Mattos e Basílio (2020), a criação de plataformas digitais foi o meio encontrado para que houvesse uma comunicação entre famílias e professores durante o período de impossibilidade presencial. Nesses ambientes virtuais eram disponibilizados imagens, vídeos, textos e brincadeiras que estimulassem a criança e aproximassem da família. Gaidargi (2020) nos apresenta outras ferramentas utilizadas pelos profissionais para que pudessem encontrar os discentes virtualmente através de grupos de *whatsApp* e videoconferências que permitiam a continuidade dos processos educativos para evitar maiores prejuízos no ano letivo.

Todas essas técnicas alternativas começaram a ser de alguma forma utilizadas pela escola, muito por conta da persistência do corpo docente, o que ficou envidenciado nos relatos das professoras entrevistadas, que faziam ligações telefônicas para as famílias, falavam com as crianças, elaboravam pequenos vídeos enviados por *whatsapp* e ainda preparavam atividades impressas, além daquelas enviadas pela Secretaria.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou responder aos objetivos propostos, centrando-se em buscar informações sobre o tema proposto que é educação infantil em tempos de pandemia: Desafios e possibilidades na EMEIF Prof. Francelino de Freitas, Ilha Cacoal, Cametá-Pará.

O referido trabalho, não é conclusivo, por ser caráter multidisciplinar oferece apenas uma contribuição, porém pode ser ampliado e aprofundado sobre essas demandas educacionais, com um olhar em outras perspectivas, como por exemplo, de como a pandemia atingiu o espaço escolar e como os professores se recriaram em tempo pandêmico.

Conhecer melhor a prática docente que foi abordado no lócus em estudo, possibilitará reflexões e possíveis ações que avancem na melhoria do aprendizado. O afastamento social chegou de forma intempestiva, nos provocando a refletir sobre tudo que praticávamos em nossas atividades diárias. O lockdown foi instaurado nos dias seguintes e todas as rotinas educativas foram interrompidas.

Porém, esse aprendizado iniciou por muitos educadores que não tinham domínio das tecnologias e precisavam delas para poder alcançar seus discentes. O ambiente virtual gerou inúmeras incertezas, ansiedades e o sentimento de impotência se fez presente, mas como bons educadores que somos não nos abatemos e fomos em busca de melhorar nossa prática tecnológica sobressaindo-nos de qualquer dificuldade instaurada inicialmente.

O ensinar exige muito mais que conhecimento de um determinado assunto, disciplina ou área, precisa de muita coragem, dedicação, criatividade, amorosidade, respeito aos alunos, curiosidade e aquela vontade de se aperfeiçoar constantemente, somente assim será possível construir uma identidade profissional e contribuir com a educação.

Portanto, foi possível observar que durante a pandemia os professores revelaram-se profissionais de compromisso e responsabilidade com a nação, reinventando, reconstruindo, reformulando para melhor atender seus alunos e amenizar a situação difícil vivenciada pelas famílias, evidenciando o quanto a educação precisa ser valorizada em nosso país.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1981.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1988.

CINQUETTI, Heloisa Sisle. **Lixo, resíduos sólidos e reciclagem: uma análise comparativa de recursos didáticos**. Educar, Curitiba, n. 23, p. 307-333, 2004.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. **OSERDA AMAZÔNIA: IDENTIDADE E INVISIBILIDADE**. Cienc. Cult.vol.61 no. 3. São Paulo,2009. ISSN2317-6660.

GAIDARGI, Alessandra Maria Martins. **Ferramentas de EaD na Educação Infantil: Revisitando a Relação da Escola para Crianças com a Tecnologia**. Revista EaD em Foco, 2020, v.1: e1223

GAMA, Claudia Vasconcellos Nogueira; CERQUEIRA, Maria Marta de Andrade; ZAMPIER, Patrícia da Paz. **Educação infantil em tempos de pandemia: quando uma máquina do tempo aproxima as distâncias**. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 7, N. 1 – pág. 522-548 janeiro/abril de 2021: "Pedagogias Vitais: Corpo, Desejo e Educação" DOI: 10.12957/riae. 2021.55378.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. v.4, Ed. Atlas. São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, Cristiane Suzart Cop; MATTOS, Michele Morgane de Melo; BASÍLIO, Priscila de Melo. **Educação infantil em tempos de pandemia: em busca das borboletas**. Revista Práticas em Educação Infantil – vol. 5; nº 6 68, 2020.

MOURA, Lisandro Lucas de Lima. **O Imaginário como mística do ensino em Sociologia sobre a atenção imaginante nas narrativas visuais de Bagé**. 2013, 150 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Educação. Programa de Pós- graduação em Educação. Pelotas, 2013.

SANTOS, Marcia Pires. **Os desafios da educação infantil no contexto da pandemia covid -19**. Integra EAD 2020 – Educação e Tecnologias Digitais em Cenários de Transição: Múltiplos Olhares para aprendizagem.

SILVA, Simone Souza; GONZAGA, Amarildo Menezes. **Currículo e pesquisa narrativa na formação de professores**. – 1. ed. – Curitiba: Appris, 2013.

SOUZA, José Camilo Ramos de; ALMEIDA, Regina Araújo de. **VAZANTE E ENCHENTE NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: IMPACTOS AMBIENTAIS, SOCIAIS E ECONÔMICOS**. VI Seminário Latino-Americano de Geografia Física II Seminário Ibero- Americano de Geografia Física Universidade de Coimbra, Maio de 2010.